

# ILUSTRACÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS  
 PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO  
 CORRESPONDENCIA À LIVRÁRIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS  
 PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 18000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1884 NUMERO 6

## CHRONICA DA SEMANA

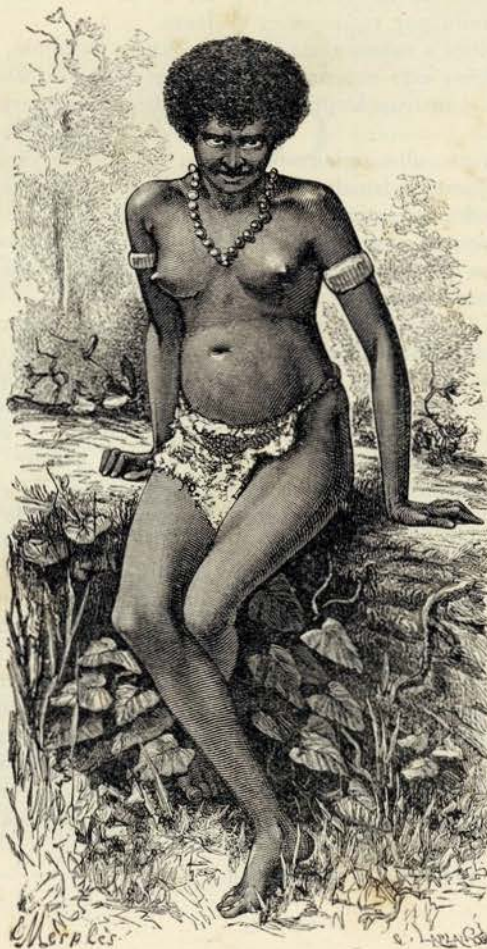
SUMMARY: — Inauguração do monumento do marquez de Sá da Bandeira — A instrução primaria e os municipios — O methodo de João de Deus e a cartilha maternal — O panico no Colyseu.

Foi uma cerimonia imponente, como o exigia a solemnidade d'aquelle acto, em que a patria pagava uma divida de reconhecimento a um dos seus mais prestimosos cidadãos.

O Marquez de Sá da Bandeira merecia a apothose, que lhe foi feita, pelos serviços que prestou á liberdade, como soldado, ao paiz, como estadista e á humanidade, como philantropo.

Para a celebração d'essa cerimonia não podia ser escolhido melhor dia do que aquelle, em que se commemora o juramento da carta constitucional, que elle ajudou a implantar e da qual foi sempre estrenuo defensor.

Bernardo de Sá No-



RAPARIGA ARFAK

gueira foi um dos homens mais notaveis do seu tempo e quando a historia registrar nos seus annaes os factos, que determinaram a evolução politica do systema monarchico-representativo, em Portugal, hade escrever em letras de ouro aquelle nome a par dos Mousinhos de Albuquerque, dos Passos, de Joaquim Antonio de Aguiar e outros benemeritos, a quem devemos as prerogativas liberaes, que usufruimos.

A geração actual pagou a sua divida de gratidão erguendo-lhe um monumento; as que nos succederem hão de saber conserval-o e ao passarem em frente da estatua do heroe mutilado no campo da batalha, em deffeza da liberdade, saudarão reverentes o inclito soldado, cuja fronte está congida pela corõa immarcescivel da gloria.

×

A imprensa diaria está todos os dias dando conto do atrazo no paga-



mento dos ordenados dos professores de instrução primaria e pedindo providencias ao governo contra essas irregularidades, que prejudicam sensivelmente uma classe, que devia merecer toda a protecção official.

É justa a reclamação e tanto mais justa quanto é mesquinha a retribuição taxada para remunerar o improbo labor d'esses obscuros obreiros, que trabalham nos alicerces do grande edificio da instrução social.

A lei, que impoz aos municipios a obrigação de subsidiar a instrução primaria, não previu, como devia, as difficuldades da sua execução, difficuldades, que redundariam sempre e unicamente em prejuizo do pobre professorado.

Algumas camaras municipaes não teem recursos para fazer face áquella despeza e ao Estado cumpre remedeiar a imprevidencia da lei, por uma medida qualquer, que salve das garras da fome esses homens, aos quaes exigiu titulos de capacidade, deu diplomas de habilitação e nomeou, por decretos, ficando por todos esses actos obrigado a garantir-lhes a subsistencia.

Não deve continuar assim esta vergonhosa anarchia, em que se acha a instrução publica em Portugal.

É necessario que o governo olhe sériamente para esta importantissima questão e legisle, ácerca d'este assumpto, por modo, que a instrução primaria não seja uma ficção e os pobres professores uns párias, para os quaes seja necessario estar a implorar constantemente a caridade publica.

As estatisticas officiaes são eloquentes na demonstração do nosso atraso intellectual.

Ha milhares e milhares de cidadãos portuguezes, que não sabem ler, e parece-nos que não seria grande violencia exigir dos chefes de familia que mandem á escola os filhos e impôr-lhes a responsabilidade por falta do cumprimento d'essa obrigação moral, que devia ser tambem uma exigencia legal.

Pedimos escolas, pedimos uma lei de instrução sensata, exequivel e providente, e pedimos que immediatamente se dêem as providencias necessarias para pagar o que se deve aos professores, a nosso vêr, os unicos credores privilegiados nas dividas nacionaes.

O assumpto trouxe-nos naturalmente á lembrança o nome de João de Deus, o mimosissimo poeta, o lucido pensador e o modesto, quão notavel, homem de letras, que todos conhecem,

que todos respeitam e que todos adoram com essa veneração que só sabem adquirir os verdadeiros talentos.

João de Deus, o mais fervoroso apostolo da instrução, publicou ha annos um livro notabilissimo pela ideia e pela utilidade — a *Cartilha Maternal*.

Nesse livro compendiou um methodo, novo, de leitura e promptificou-se a ensinal-o; e foram tão brilhantes, tão proficuos, tão cabaes os resultados, que hoje não resta duvida alguma que o methodo de João de Deus é o mais vantajoso para se aprender a lèr em pouco tempo.

Ora parece que, em vista dos factos, ao governo corria obrigação restricta de adoptal-o officialmente e impôr-o nas escolas normaes, onde se habilita o professorado.

Com isso lucraria o paiz e o estado daria uma prova de justissima deferencia para com o homem, que poz ao serviço da instrução popular a sua boa vontade e o seu formosissimo talento.

Não o fez ainda, nunca o fará talvez, porque o auctor da *Cartilha Maternal* não é frequentador das ante-cameras dos ministros, não convive nos centros politicos e prefere o isolamento do seu gabinete de estudo, as alegrias do seu lar domestico, aos ephemeros triumphos d'essa popularidade, com que vão subindo para o Pantheon das glorias patrias uns certos, que conseguem tudo, por isso mesmo que não valem nada.

×

Fechamos esta chronica com a narração de um gracejo de mau gosto, que podia ter sido causa de funestissimos resultados.

No ultimo domingo uma multidão enorme de pessoas affluio ás esplanadas dos Recreios, já para gosar o fresco da noite, já para ouvir magnifica musica, já para vêr, no Colyseu, os trabalhos dos leões de mr. Seeth.

No theatro dos Recreios havia tambem espectáculo e, quando o publico sahia, ouviu o grito alarmante de ter fugido um leão e viu uma massa enorme de povo correr desordenadamente em todas as direcções, procurando uma sahida.

Imagine-se o panico que se apossou de toda aquella gente e calcule-se a confusão, que se originou com aquelle gracejo de mau gosto.

Felizmente, a não ser alguns fatos rasgados e algumas leves contusões, não houve desgraça alguma que mereça registo especial.





## DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa uma rapariga Arfak.

Os Arfaks são indigenas da nova Guiné, uns selvagens de alta estatura, musculosos, com nariz aquilino, rosto oval e que costumam perfurar a cartilagem, que separa as narinas, para ahí introduzirem um osso, algumas vezes tão comprido, que excedendo o eixo menor da face vae de orelha a orelha.

Usam penteados esquisitos e são tão valentes e aguerridos, que conseguem dominar pelo medo todos os seus visinhos.

As mulheres são elegantes e graciosas e não tem esse aspecto repugnante da maior parte das pretas de outras regiões, que untam a pelle com diferentes oleos para a tornarem luzidia.

Estas não. São limpas e bonitas, como se vê da que está representada na nossa primeira gravura.

×

A segunda gravura representa o typo masculino e feminino do Bihé.

O Bihé é limitado ao norte pelo sertão de Andulo, a Oeste pelo paiz de Moma, a N. O. pelo Bailundo, a S. O. pelos Gonzellos de Cavingue e ao S. e L. pelos povos Gunguelas livres.

A área do Bihé mede 2:500 milhas quadradas, e a sua população regula por 95:000 habitantes.

Os homens são dados a viajar. As mulheres é que se empregam na agricultura e em todos os trabalhos de industria domestica.

No Bihé é que os exploradores procuram os carregadores para as suas viagens no interior, e encontram n'esses homens qualidades estimaveis para aquelle fim, porque são, na generalidade, probos e honrados e incapazes de roubar um fardo que lhes seja confiado.

Pela convivencia que tem tido com os Europeus conhecem os systemas das armas de fogo, das quaes sabem servir-se com notavel aptidão.

×

A nossa terceira gravura representa o lago Liguori.

Este lago, é como outros muitos que ha em Africa, ladeado de uma esplendida vegetação e onde as aves ribeirinhas encontram agua christalina para se banharem e abundancia de peixe para se alimentarem.

Segundo a descripção que temos à vista não ha nada mais pittoresco e bello, do que as margens d'este lago—arvores frondosissimas, aves formosas, finalmente, uma paisagem encantadora.

×

A quarta gravura representa o velho Agny d'Assinia.

O territorio d'Assinia está ligado à França por antigas tradições. O padre Loyer foi o historiador da feitoria, ahí creada, no reinado de Luiz XIV, pelo cavalleiro Amon.

O rio principal d'Assinia é o Tansé ou Tando, que tem um grande percurso e forma na sua foz um canal muito estreito, com tres metros de profundidade. Allí o mar rebenta com força e as correntes tem o mesmo regimen do Grã-Bassan; nas luas novas e cheias seguem para o Oeste e para Este durante a quadratura.

Este rio é o limite occidental d'este reino, e como os *feiticeiros* o declararam sagrado, as expedições guerreiras, com receio de o profanarem, não o atravessam.

—♦♦♦—

D o nosso distinctissimo collega o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Castanheira recebemos a seguinte carta, á qual gostosamente damos publicidade, offerecendo desde já as columnas da *Illustração Popular* á commissão encarregada de promover soccorros para as victimas do incendio de Caparica e pedindo aos nossos assignantes e leitores que concorram com o seu obulo para tão meritorio fim, enviando á illustrada redacção do *Commercio de Portugal* as suas esmo-las.

Eis a carta:

Ex.<sup>mas</sup> amigos e collegas.

Como secretario da commissão permanente de soccorros ás victimas do incendio de Caparica, recebi o encargo, para mim agradavel, de pedir a cooperação de toda a imprensa da capital na obra philantropica, que a mesma commissão se propõe fazer, agenciando meios para reconstruir as casas incendiadas, e dar aos infelizes pescadores, que tudo perderam em tão lamentavel desgraça, alguma roupa, louça, mobilia, etc., fazendo cessar assim a sua triste situação.

Nunca se mallograram os appellos á imprensa, tratando-se de caridade, portanto ousou pedir aos meus ex.<sup>mas</sup> amigos e collegas, que façam inserir gratuitamente os avisos e annuncios, que da commissão permanente de soccorros dimanarem com o fim a que acima alludo.

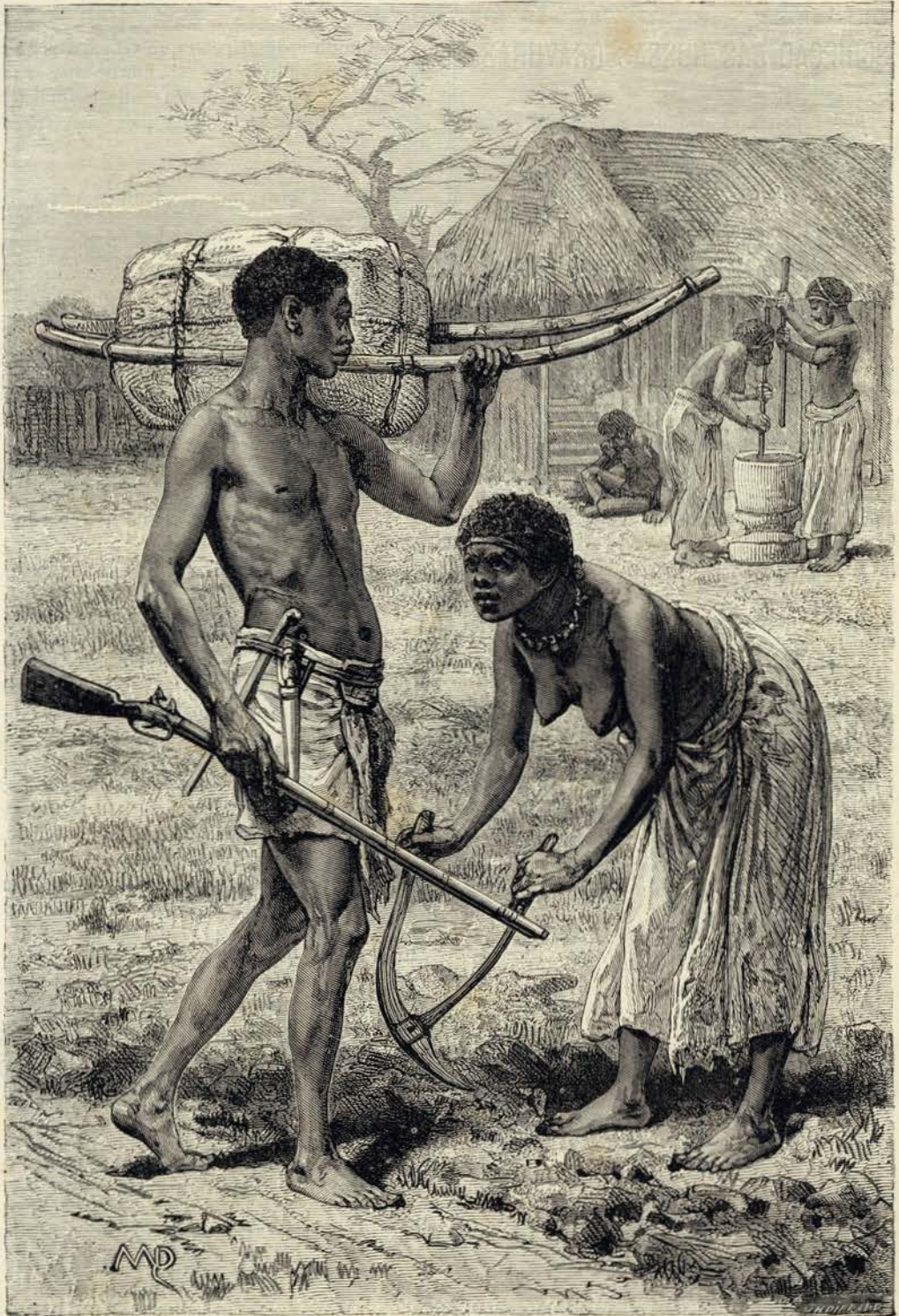
Agradecendo em nome da referida commissão, o favor que reputo feito, tenho o prazer e a honra de me subscrever

De v. ex.<sup>as</sup>

Collega e criado obrigadissimo

ANTONIO CASTANHEIRA.





HOMENS E MULHERES DO BIHÉ





O LAGO LIGUORI



## MINIATURAS

MIGUEL ANGELO

**É** POR VENTURA o nome mais sympathico da *Renascença*. Educado n'um meio eminentemente illustrado — a cõrte dos Medicis — Miguel Angelo foi escultor insigne, pintor distinctissimo e poeta notavel.

As suas estatuas, de uma pureza irreprehensivel, são apenas igualadas pelas obras primas do buril grego.

*A Noite que*

fu dà um Angelo scolpita

segundo a phrase de Strozzi, o *Dia*, a *Aurora* e o *Crepusculo*, quatro estatuas de uma perfeição maravilhosa, que adornam os tumulos de dois membros da familia dos Medicis — o celebre *Moyse*s, verdadeiramente inexcidível e a *Madona* da sachristia da egreja de S. Lourenço, são as produções mais inspiradas do inimitavel estatuario da Renascença.

Como pintor é principalmente nos *frescos* da Capella Sixtina, que recordam scenas da Biblia, que Miguel Angelo se revela artista de elevado merito.

Admirador de Petrarcha e Dante cultivou tambem a poesia. Os seus versos são dedicados a Victoria Colonna, dama florentina, notavelmente formosa, a quem o eximio escultor do *Moyse*s consagrou o mais idealmente querido dos seus affectos.

JOSÉ PESSANHA.

## ALBUM

Ciume! és ignea serpente,  
que em nosso peito se enrosca,  
e nos prende e magnetisa  
dos seus olhos co'a luz fosca!  
que o seu veneno pestifero  
infiltra ao sangue abrazado  
n'uma demencia infernal!  
tens uiuos de condemnado,  
tens risos, que fazem mal!

Ciume! juntou o inferno  
todas as plantas damnosas,  
que nascem no peito humano  
*sem que as veja o olhar do Eterno*,  
e ao côro d'um riso insano,  
dos seus demonios aos gritos,  
dos seus brazeiros ao lume,  
compoz dos succos malditos  
filtro horrivel — O ciume!

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## CARTEIRA UTIL

MEIO DE ENCONTRAR AGUA NO CAMPO

**A** REVISTA DE CAMINHOS VICINAES, de Hespanha, depois de variadas considerações sobre a possibilidade de se encontrar agua nos campos, tão util elemento para os lavradores, que muitas vezes se vêem embaraçados, para

o amanho das terras, refere que o meio que lhe parece mais efficaz, entre outros, é o que usam na Italia para conhecer a que profundidade se pôde encontrar a agua.

Para isto tomam-se 100 grammas de enxofre, outras tantas de verdete (acetato de cobre) igual dose de cal viva e outra tanta de incenso branco. Misturam-se estes elementos n'um pucaro novo, vidrado, e enche-se depois com 100 grammas de lã. Coberto o pucaro com uma tampa de barro, tambem vidrada, peza-se e enterra-se n'um orificio feito a trinta centimetros de profundidade.

Passadas que sejam vinte e quatro horas, retira-se e depois pezando-se novamente, se se notar augmento é signal evidente que existe agua, mas se não houver augmento de pezo é signal infallivel do contrario.

Se o augmento do peso fór de 40 grammas, diz ainda, encontrar-se-ha agua a 21 metros de profundidade; se fór de 80 a 10 metros e meio; se fór de 160 a 7 metros e se fór de 200 grammas a agua estará a 3 metros.

A melhor época para fazer estes ensaios é aquella, em que a terra se não encontra muito sêcca, nem demasiado humida.

## REVISTA DOS THEATROS

**R**EALISOU-SE, no domingo ultimo, o beneficio do cavalleiro Cazimiro Monteiro, sendo cumprido com escrupuloso rigor o programma d'aquella esplendida festa taumachica

A concorrência foi enorme e pôde dizer-se, sem receio de um dementido, que poucas enchentes tem havido, na praça do Campo de Sant'Anna, como aquella.

Sol, sombra, cadeiras e camarotes, tudo occupado, e se mais logares houvesse maior seria o numero dos espectadores.

O curro sahiu bom e os artistas trabalharam bem, distinguindo-se os irmãos Robertos e o beneficiado, que enfeitou admiravelmente os touros, que lhe foram destinados.

Casimiro Monteiro tem dois magnificos cavallos para o toureiro, leves e que vão bem para a cabeça dos bois; por isso conseguiu pôr ferros com maestria, sem que uma só vez os cavallos fossem beijados, apesar dos bois os carregarem com vontade.

Foi uma das melhores touradas da época. Em um intervallo entrou na praça a jaula com os leões de Mr. Seeth, que deu provas da sua reconhecida coragem, obrigando as feras a obedecerem-lhe, saltando arcos e fazendo diversos exercicios, como se fossem os celebrados cães de Magrini.

Escusado é dizer que foi expansiva a ovação, que os espectadores fizeram ao intrepido domador.

A rifa do cavallo, oferecido pelo beneficiado, em sorteio, ao publico, teve lugar, quasi no fim do espectáculo e o premio coube a um moço militar, cujo nome ignoramos.

Mas as honras da tarde foram para um abegão do lavrador, que veio á praça ajudar a recolher os touros, destinados aos cavalleiros.

Os cabrestos conheciam-lhe o pampilho, porque mal elle aparecia na sua *pileca* branca mettiam o touro no centro e lá iam ao meio galope para o touril.

O beneficiado teve muitos brindes, alguns de valor, e uma ovação merecida, porque trabalhou com arte, com sangue frio e com felicidade.



## POR UM BEIJO

ROMANSE DE ERNESTO CAPENDU

## II

## Na Opera!

*(Continuado do numero antecedente)*

MUITO simplesmente. Imagine que, fazendo o que fiz, obedecia a um capricho que me divertia. Era simplesmente egoista. Vós arriscaveis a vida pela patria, pela vossa bandeira, pela gloria. Eu por mero divertimento, por pura distracção. E como queriam os senhores que eu sentisse medo, vendo o inimigo cara a cara, em campo raso, em pleno sol, e no meio d'esses bravos soldados da França, que são, não me pejo de confessal-o, os melhores soldados do mundo? Meu caro, eu não posso aceitar essas felicitações, a não ser que ellas sejam pela felicidade, que tive, de conhecê-lo. Se é isso accêito as felicitações e não faltaria quem arriscasse a vida, se o premio da coragem fosse uma amizade tão leal como a sua.

—Williams! disse o joven official, interrompendo-o, e apertando-lhe a mão.

—Palavra d'honra! retorquiu este docemente. Pôde acreditar-me. Relativamente a amizade admirei sempre o procedimento d'esse philosopho de quem falla Luciano.

—Qual philosopho?

—Ouça. Creio que se chamava Abbancas.

—E que fez elle?

—Imagine, meu caro, que enquanto um incendio lhe devorava a habitação, elle preferiu salvar das chammassas um amigo a salvar a mulher e os filhos. E quer saber como elle respondeu aos que lhe censuraram o facto?

—De certo que me veria, no logar d'elle, embaraçado para responder satisfatoriamente. Que se pode responder?

—Isto que elle disse: Preferi salvar o amigo, porque é muito mais difficil encontrar um, do que encontrar uma mulher e filhos.» Que diz a isto?

—Digo que Abbancas era essencialmente egoista e mau pae.

—Não duvido, mas eu creio que elle era um sabio.

—Duvido que a sua sabedoria tenha muitos imitadores e o senhor, Williams, não pode ser juiz n'esta questão; porque não é casado, nem

eu lhe dei ainda provas para esperar de mim uma tão rara amizade. Além d'isso a verdadeira philosophia ensina-nos a socorrer os mais fracos.

—Mas talvez que os filhos do sabio fossem crescidos e fortes e o amigo velho e fraco.

—E a mulher?

—Meu amigo o senhor está a tirar a poesia a uma bella acção.

—Não, estou simplesmente a applicar-lhe o raciocinio.

—É justamente o que eu queria dizer.—Finalmente, imagine que de repente, agora mesmo, se manifesta o incendio n'esta sala. O que fazia?

—O que fazia?

—Sim...

—O sr., Williams, sabe que eu o conheço bem e aprecio a sua coragem e o seu sangue frio em presença de qualquer perigo, seja elle qual for. Pois bem. Eu dizia-lhe: Salve-se, meu amigo e não se importe commigo. Depois atravessaria a sala...

—Para salvar-se a si?

—Não, mas para arrancar ás chammassas uma das mais bellas creaturas que tenho visto.

—Que enthusiasmo, meu bravo capitão! Parecia-me agora estar ouvindo um galan de *rau-deville*. Está porventura enamorado?

—Não, Williams; mas entre todas essas mulheres, que brilham nos camarotes pela sua formosura, ha uma...

—Que faz vibrar no vosso coração uma corda que estava partida. Bem vê que sei fallar sobre esse assumpto. Felizmente que ninguem nos ouve, aliás passariamos por dois folhetinistas.

—Está sempre a gracejar, meu amigo.

—Porque encaro a vida pelo seu lado sério.

—O senhor admite que o amor possa manifestar-se de repente?

—De certo que sim, como uma apoplexia fulminante.

—Não esteja a divertir-se.

—Meu caro Roberto, respondeu sir Williams, gravemente—a definição do amor com relação á causa que o produz é uma questão de alta philosophia que está ainda por resolver. Cada um tem a sua opinião acerca d'este melindrosissimo assumpto. O senhor quer saber qual é a minha?

—Estou ouvindo.

*(Continua.)*



## EXPEDIENTE

**R**ECEBEMOS uma delicadíssima carta do sr. J. V. Mariães da Silva, offerecendo-nos um esplendido artigo para a nossa secção—Miniaturas.

Em um dos proximos numeros publicaremos o esboço biographico de Nicolau Capernico, escripto por aquelle cavalheiro.

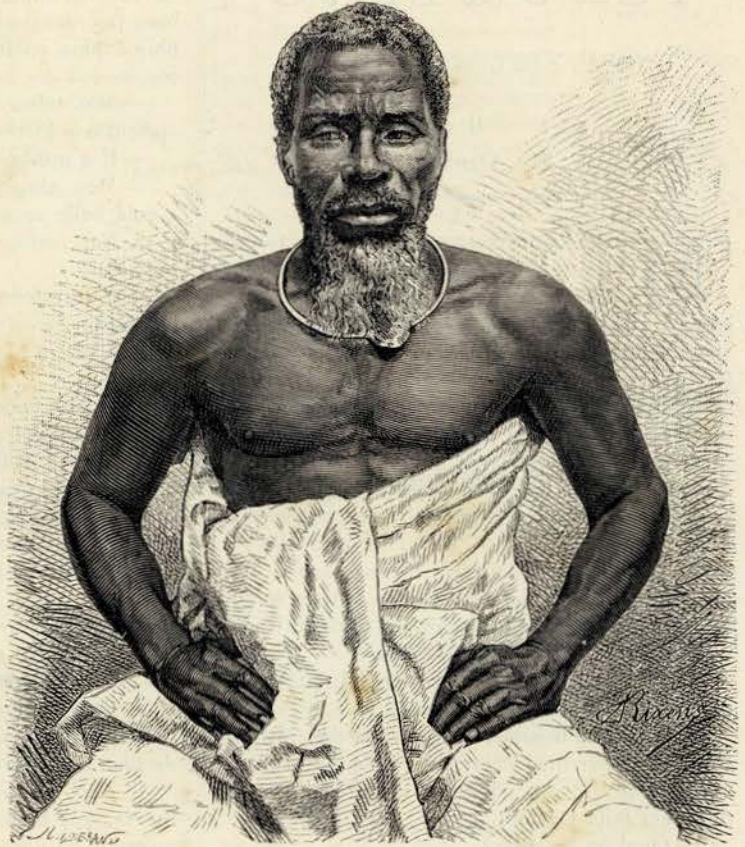
×

Decifraram o problema e as charadas do nosso numero antecedente os seguintes srs.:

Carmo e Sousa, M. Santos e outros cavalheiros, que mandaram as decifrações, sem designação dos seus nomes.

×

Temos egualmente em nosso poder differentes charadas, logogrifhos e enigmas, que iremos publicando, e desde já agradecemos aos nossos distinctos collaboradores d'esta secção, a sua espontanea coadjuvação.



VELHO AGNY D'ASSINIA

## PASSATEMPO

## ENIGMA

O	P	O	H	O	P	O	C	L	A	T	E	N	M
1	2	1	2	1	2	1	1	2	1	2	3	1	1

CARMO E SOUSA.

## CHARADA

(AO INCLITO CHARADISTA CARMO E SOUSA)

Uma charada esquisita  
Eu lhe offereço, sr. Sousa;  
Não tem nada de bonita  
Mas indica alguma cousa — 1.

Ora preste-lhe attenção  
E veja a cara rosada  
Que lhe mostra o tal ratão  
Ao terminar a charada — 2.

Para conceito só digo  
Que é planta, meu amigo.  
O PEQUENO ANTONINHO.

## CHARADA NOVISSIMA

Um numero não erra o futuro — 1 — 2.  
ASSA & SINOS

Explicação do problema do n.º 5:—O mais velho deu 187000 réis, o immediato 547000 réis e o mais novo réis 727000.

Explicação do enigma—D. PEDRO V.  
Explicação da charada em verso—NUCA.  
Explicação das charadas novissimas—ASSASSINO—  
ANATHEMA.

Typ. da Empreza Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa  
5—PATEO DO ALJUBE—5